

Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades – NIGS

Reflexões sobre o Big Brother Brasil 10 e Homofobia

A 10ª edição do Big Brother Brasil teve uma trama homofóbica?

Partindo dessa questão, tivemos, ao longo dos dois últimos meses, um debate, muitas vezes acalorado, nas páginas do NIGS. Compartilhamos agora, que o programa se encerrou, algumas das reflexões feitas por membros de nossa equipe.

O BBB é um *reality show* que marca os meses de verão na rede Globo, ocupando as férias de verão e mobilizando paixões e intensos debates públicos, a respeito de personagens/indivíduos que se tornam, como os personagens das novelas, íntimos dos telespectadores.

Chama-nos particularmente atenção o forte apelo que o BBB tem entre as camadas jovens da população. Certamente isso se dá pelo importante processo de identificação que o programa permite, em particular na construção identitária dos participantes/personagens, de seus gostos, estilos, visões de mundo. Além disso, as encenações de conflitos, relações de poder e jogos de dominação/submissão são também elementos de forte poder identificatório, que funcionam também como modelos de conduta e questionamento das regras sociais por parte dos que “estão aqui do lado de fora da casa”.

Além dos participantes/personagens detalhadamente escolhidos e construídos pela organização do programa, a estrutura narrativa dada pela edição diária dos “melhores momentos”, mostrados e organizados segundo uma série de categorias prévias do que pode acontecer no espaço da casa, transforma a vida dos “confinados” numa novela com altos e baixos, seguindo uma trama aparentemente previsível de relações e comportamentos dados pelas identidades autorreconhecidas aos participantes.

Nessa 10ª edição, isso era claramente delimitado e construído pelo modelo classificatório de “Coloridos, Sarados, Belos, Ligados e Cabeças”, tribos identificatórias nas quais os participantes precisavam se enquadrar. Se a obrigação de “reconhecimento” de identidades grupais não era aceita de forma igual por todos os participantes, no caso dos “coloridos” ela teve forte impacto na repercussão pública dessa edição.

Sem dúvida, a entrada tardia de um personagem classificado como “homofóbico”, o Marcelo Dourado, trouxe ao debate público temas caros ao movimento LGTTT, que se posicionou e lutou publicamente contra o que via como discriminação e estereótipos acusatórios no interior do programa. Opiniões se dividiram e mostraram como signos, gestos, falas e não ditos são interpretados de inúmeras maneiras, tanto pelo senso comum das ruas quanto pela reflexão teórica que caracteriza nosso trabalho de pesquisador@s feministas, que reconhecem na teoria *queer* um importante locus de inspiração teórica para nossas lutas cotidianas em prol da mudança nas relações de gênero e nas representações sociais a respeito das identidades afetivo-sexuais não heterocentradas. Trazemos abaixo algumas das reflexões feitas por membros de nossa

equipe, a partir dos debates que pudemos fazer na lista de membros do NIGS. Destacamos a importância do “olhar do estrangeiro” na análise de Marcelo, Rosa, Felipe e Paula que se encontravam em estágios sanduíche e de pos-doutorado na Espanha, França e EUA (com bolsas da CAPES) quando começou o BBB e da significativa contribuição de Vinicius que realiza pesquisa de Iniciação Científica (com bolsa do CNPq) refletindo sobre a constituição de campos científicos. Nosso agradecimento vai também a tod@s, mestrand@s e doutorand@s da equipe, que se posicionaram em várias mensagens internas a lista e nos provocaram a elaborar os textos que publicamos aqui.

Miriam Grossi – Coordenadora NIGS - 2 de abril de 2010

1. BBB e a Política Sexual

O programa televisivo Big Brother Brasil, apelidado de BBB-10, foi marcado pelo que as teorias feministas e *queer* chamam de política sexual, centrada no que, em linguagem antropológica, chamamos de *marcadores sociais da diferença*.

Focaremos nossa análise apenas no último episódio, levado ao ar no dia 30 de março de 2010. O início desse programa retoma as imagens de uma cena envolvendo um dos jogadores, Dicésar, identificado como drag queen, que chamou seus colegas confinados à identificação em supostos três gêneros: “Quem é homem grita! Quem é mulher grita! Agora quem é biba! [seguido de um brinde entre Serginho e Dicésar com apoio de Angélica através do grito, jogadores assumidamente homossexuais]”. Dicésar toma como base em sua classificação um discurso comum que escutei na voz de várias pessoas gays e lésbicas que viveram o período da adolescência na década de 1980 nos locais de sociabilidade homossexual. Para as pessoas que viveram aquele tempo, imbuídas do feminismo lésbico radical e da emergência da epidemia da AIDS, a lésbica “não era mulher” e tampouco o gay era “homem”. Homens e mulheres, naquele momento, seriam apenas os indivíduos heterossexuais; os outros, “não- heterossexuais”, eram “bibas”.

A partir dessa cena, revista no último capítulo, observamos que, nessa edição, o que esteve em pauta foi uma concepção de binarismo de gênero, fundada em concepções presentes na sociedade brasileira sobre homossexualidade e travestilidade. Observo o quanto esse binarismo está defasado em relação às principais discussões dos campos de Estudos de Gênero e dos Estudos Gays e Lésbicos a partir das décadas de 1990. Constatamos, portanto, que as teorias “ocultas” que informam essa edição do BBB-10 são teorias de senso comum sobre identidades de gênero e orientação sexual, produzidas nos “guetos LGBTTT” nas décadas de 1970/80.

Segundo o apresentador Pedro Bial, a categoria-chave do programa seria o “reconhecimento”: “olha eu aqui, quero ser reconhecido”, disse o apresentador. Há várias leituras possíveis sobre essa categoria. O reconhecimento pode ser interpretado como um reconhecimento individual de cada confinado, mas também como o pertencimento a populações específicas criadas pelo próprio programa para classificá-los. Nesse sentido, cada participante, com seus marcadores identitários individuais e sua trajetória própria, representam algo para o público espectador, representação esta que é editada pela rede Globo a partir das 24 horas diárias de programas gravados, que são

transformados, através dessa edição, em um tempo muito mais reduzido de “exposição” ao público televisivo. É justamente nessa redução do tempo, através da edição, que podemos localizar o eixo “homofobia”, que foi um dos eixos denunciados pelos movimentos sociais, em particular o LGBTTT, sobre essa edição do BBB, que tinha como projeto a participação de “coloridos”, ou seja, participantes autoidentificados com grupos LGBTTT.

Muit@s de nós pensam que a Rede Globo de Televisão (bem como outras emissoras) com seu aparato técnico e profissionalismo representam a ponta das discussões sobre os temas que apresentam em sua grade de programação. Entretanto vemos a partir dos argumentos apresentados neste último programa que a Rede Globo explora teorias de senso comum sem diálogo com os campos que produzem conhecimento nas áreas que busca problematizar. Se o Big Brother Brasil marcadamente investe na política sexual, incluindo dentre suas personagens pessoas gays e lésbicas, isso não diz respeito, diretamente, a uma resposta aos nossos campos teóricos, ao que estamos estudando. Pensamos conceitos como homofobia, gênero, sexualidade. A Rede Globo de forma a-reflexiva tomou o "senso comum" para construir seu enredo. No Big Brother Brasil, apesar do caráter de reality show, no processo de edição, investe e determinados eixos, como foi o caso da homofobia nesta última edição. E é por isso que, do meu lugar de pesquisador sobre homofobia e integrante do campo dos Estudos de Gênero e Estudos Gays e Lésbicos, proponho que tenhamos uma visão crítica da mídia, entendendo que a Rede Globo também erra na "leitura" que faz da sociedade e estes erros, fruto da irresponsabilidade e distância dos campos que busca problematizar, produz/induz/reforça/força a desigualdade social em nosso país.

Felipe Fernandes – Doutorando em Ciências Humanas (DICH) – UFSC, doutorando sanduíche CAPES no CLAGS- City University of New York

2. Homofobia, discriminação e singularidade

A questão da homofobia certamente esteve retratada no BBB 10, centralizada na figura de Marcelo Dourado, seu campeão, numa final que contou com mais de 154 milhões de votos, entre telefone, internet e SMS. Ela esteve representada sobretudo na polaridade instaurada entre Dourado e Dicésar, a *drag queen*, que colocava “as biba” como uma terceira “identidade sexual”. A categoria “homofobia” foi por diversas vezes utilizada no programa como categoria acusatória, no sentido da discriminação de homossexuais. No último programa, exibido na noite do dia 31 de março de 2010, o apresentador Pedro Bial disse: “se Dourado é homofóbico, no Big Brother Brasil ele NÃO foi” e “se ele é homofóbico, ele teve que ser confrontado com a sua fobia”. O que isso quer dizer?

Poderíamos falar de dois sentidos diferentes da homofobia? Sentir fobia, sentir aversão, sentir ojeriza é homofobia? Se sim, provavelmente Dourado é homofóbico, o que pôde ser visualizado em diversos diálogos travados na casa, nos quais ele falava sobre o incômodo sentido ao ouvir conversas sobre “homens se pegando”. Nesse sentido, numa casa que continha um gay, uma lésbica e uma *drag queen*, além e duas mulheres “curiosas”, que são as pessoas que já mantiveram algum tipo de relação (sexual ou não) com pessoas do mesmo sexo, mas se consideram heterossexuais, o

personagem/indivíduo Dourado foi cotidianamente confrontado com sua fobia. Contudo, se ser homofóbico é “discriminar alguém em virtude de sua orientação ou identidade sexual”, seria Dourado homofóbico? Em se tratando de discriminação e, portanto, de um discriminador e um discriminado, como não falar do outro pólo? Nesse programa, trata-se de Dicésar, o personagem/indivíduo *drag queen*, que mencionou numa discussão com Dourado, por exemplo, que gostaria de sofrer violência física por parte dele, para que ele fosse eliminado por ter violado uma regra do programa.

Fica então a questão: é possível eliminar a homofobia por meio da eliminação dos homofóbicos que violam regras relativas à convivência com outros participantes? No que consiste a eliminação da homofobia? Não seria justamente pela modificação da maneira pela qual se enxerga o outro? Enxergando a diversidade, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo-se no outro naquilo que temos em comum com ele. Bial também disse que “esse é o grupo mais plural da história do Big Brother”, mas que “quem vence no final é a singularidade”. Oo que seria essa singularidade que venceu?

Mais do que o personagem Dourado, venceu a polarização entre ele e o personagem Dicésar. Venceu a visão da homofobia unicamente como discriminação, venceram as acusações. Num programa cujos participantes são jovens e em sua maioria brancos, embora seja dirigido e assistido por diversas faixas etárias, venceram os “velhos”. Dourado e Dicésar eram de fato os participantes com maior idade no programa. Dourado era inclusive “repetente”, já que tinha participado anteriormente de outra edição do BBB. Perderam os “jovens: Serginho (o personagem emo gay que entrou no programa graças à sua popularidade no *Twitter*), Fernanda (personagem que se identificava como heterossexual, mas que se insinuava para o amigo gay), Elenita e Cacau (que mesmo se autoidentificando como heterossexuais, afirmaram ter se relacionado com mulheres por curiosidade) e Michel (o heterossexual cujo melhor amigo na casa era o gay Serginho).

Não se pode desconsiderar, no entanto, que o programa permitiu a reflexão sobre “novos comportamentos”, no que se refere a afeto e sexualidade. Infelizmente, as principais discussões circularam apenas em torno da discriminação, e não do potencial inovador do próprio programa. Entretanto, acho que não devemos perder as esperanças, pois talvez seja preciso “perder para ganhar” e quem sabe na próxima edição poderemos repetir os dizeres finais de Bial ao declarar o vencedor: “maktub” (estava escrito).

Paula Pinhal de Carlos – Doutoranda em Ciências Humanas – UFSC, doutoranda sanduíche CAPES no INED – Paris.

3. Peter Pan, Doroth e Bruce Wayne – metáforas dos binarismos no BBB

Parece-me que a eliminação d@s participantes (os paredões) do BBB constituem importantes momentos de apreensão não só das representações e práticas discursivas que permeiam e constituem o programa, mas do processo de construção de imagem dess@s participantes e das interpretações do apresentador Pedro Bial (que soam tão legítimas para tod@s) sobre as personalidades e as relações lá estabelecidas. Nas catárticas falas desse apresentador/cronista/ator, participantes podem chorar ou rir, sentir-se aflitos ou confortados, ou qualquer outra das inúmeras sensações que as algemas da linguagem não nos permite descrever de modo sintético. O fato é que naqueles minutos a empatia é quase inevitável, tanto para quem assiste, quanto para

quem é assistido, confortado, interpretado. No caso do paredão entre a *drag queen* Dicésar e o gay Serginho, por exemplo, a alusão que Bial faz às personagens Dorothy, do Mágico de Oz, ao se referir a Dicésar, e a Peter Pan, ao citar Serginho, engendra muitas análises possíveis sobre os binarismos que envolvem os papéis de gênero em nossa sociedade. No que tange ao último, Bial fala que, como Peter Pan, Serginho é uma “sombra na caverna de Capitão Gancho. Travesura, espectro. Imagem, só? Será? Não é possível! É ele, Pan. Está lá? Lá? Ele está? De que lado ele está?”. Afinal, onde está Serginho? De qual lado? Do mesmo que Dicésar, talvez, mas de qual Dicésar? Daquele que conhecemos no BBB, o controlado?

Se Serginho “está”, como afirmou Bial, Dicésar foi representado como alguém que “é”, podado em sua capacidade de “estar” ao longo do programa, numa clara representação daquilo que autores com Maria Luiza Heilborn têm apontado a respeito da forma com que a homossexualidade é vivida no Brasil – muito mais como um estado transitório do que uma identidade fixa e permanente. Como numa performance, esses modelos fílmicos atuam na construção da imagem dos personagens/participantes do programa. Por um lado, talvez, pelo fato de essa aparente capacidade metamorfoica de Serginho estar desvinculada de um processo ritual de transformação, como no caso de seu companheiro, o controle sobre seu corpo tenha sido mais difícil e o choque que confunde o que é esperado foi inevitável. Além desse paredão, outra pessoa que também parece ter sido rotulada como alguém que transita é Fernanda, a única mulher que permaneceu no programa até o final. “Anjinha ou diabinha”, como descreveu Bial, ela talvez pudesse ser lida como “dama (na rua) ou puta (na cama)” a partir do senso comum, ou seja, atuam aqui valores binários de gênero. Também classificada por sua sexualidade, mas não como “hetero ou não hetero”.

Quando Serginho “fica” com Fernanda ele “está” no que se espera de seu sexo biológico de homem. Fernanda não, ela continua “sendo” mulher. Por outro lado, parece-me que a performance tem papel importante, pois até Cacau admitiu ter “ficado com mulheres”. Contudo ela ainda assim “é” heterossexual. Afinal quem diria o contrário? A mesma obviedade parece envolver a personagem Morango, que até publicizar sua orientação homossexual não realizava as investidas sobre Cacau. Também Dicésar, obrigado a vestir-se de “menininho” em todas as festas, não realiza a performance que caracteriza esse rompimento. Contudo, no fim das contas, para Dourado, “ele tem que ser homem, apesar de ser viado”, ou seja, em última instância, para a organização das categorias na estrutura de pensamento que organiza o programa, a linguagem volta a nos aprisionar numa ontologia relutante.

Já no que diz respeito ao paredão de Dourado e Dicésar, o mais importante dessa edição em termos de impacto público, temos talvez a mais teatral de todas as eliminações. Bial parece revesar-se em vários papéis, ator/cronista/apresentador, e faz um apelo à conciliação. Ele diz que “aqui fora é preciso, como milhares de pessoas o fazem, encontrar um meio, o meio”. O que seria o “meio” em relação à discriminação da diversidade: a tolerância? Será que é de tolerância que precisamos? Após afirmar enfaticamente que Dourado NÃO (em *Caps Lock*) é homofóbico, ele diz que: se foi, “ele foi um Bruce Wayne, jogado numa caverna de morcegos e teve que lidar com sua fobia. Se teve que usar capa e máscara, e virar Batman, não sei.”. Com efeito, Marcelo Dourado foi atirado em uma caverna cheia de morcegos, já que a sociedade em que vivemos segrega grupos, cada um no seu quadrado, e o confinamento o obrigou a se confrontar com o que lhe é distante no cotidiano, a “diversidade sexual”. Logicamente,

não se pode perder a dimensão de que, se o discurso politicamente correto domina o “mundo real”, como gostam de dizer os “heróis” do BBB, lá isso é potencializado em função da corrida pelo prêmio. Contudo, talvez Dourado não tenha se deparado apenas com a alteridade, com o que precisa se distanciar o tempo todo para constituir sua identidade, mas também consigo mesmo.

Certa vez ele disse que, quando criança, fez ballet por quatro anos e que o trocou pela luta após ter mudado de colégio em função do preconceito. Poder-se-ia levantar a possibilidade de esse fato ser inventado, mas sabemos que essa história é possível e conhecemos as possíveis implicações disso. Além disso, é possível afirmar que ele era um jogador/ator (e nesse caso fico preso à linguagem novamente, pois acho que não existe uma ordem, como no caso de Bial), mas não sabemos em que medida esse foi um processo de revisitar seu passado, ou ele apenas, simplesmente homofóbico, “fez tipo”. Atuação, aliás, que sou ensaiada em seu paredão com Dicésar, onde parece se redimir admitindo sutilmente algo que não está explícito no que fala. Bial faz uma cara de quem diz “é disso que precisamos” e sente-se o bom samaritano que transmite a mensagem ao povo. Sem cair em psicologismos, o que interessa é que o programa vislumbra uma possibilidade de convivência não guiada pela subjetivação efetiva do respeito, mas pela “tolerância”, como quem diz “gente, não briguem, pois isso é feio”. Dicésar “demonstrou valentia de macho” e Dourado mostrou sensibilidade de homem, bípede”. Dicésar é Doroth, Serginho é Peter Pan e Dourado é Bruce Wayne. Doroth só quer voltar para casa, pois lá é seu lugar; Peter Pan quer voar, talvez pra bem longe, “pra onde sua mãe está”, afinal é compreensível que ele não queira ficar aqui; e Dourado, bem... Dourado é o Cavaleiro das Trevas, é o herói que não mata, mas também talvez seja aquele que, como disse Coringa, “morre herói, ou vive o bastante para se tornar vilão”.

Vinícius Kauê Ferreira – Graduando em Ciências Sociais – UFSC, bolsista PIBIC CNPq.

4. BBB– Jogo, voyeurismo e responsabilidade ética da mídia

Percebemos, ao acompanhar os debates sobre a 10ª edição do BBB, que, infelizmente, alguns empresários da telecomunicação prestam um desserviço a questões de suma importância ao debate público. Parece haver uma lógica inquestionável: um *ethos* de mercado determinado por parâmetros extremamente calculistas em índices de audiência em pontos, dando a ridícula medida da insensata posição diante de alguns temas urgentes, expondo-os ora na relevância do esdrúxulo, ora na irrelevância do banal. A produção televisiva brasileira dos *Reality Shows*, em algumas versões, com seus altos índices de audiência, têm representado e explorado essa insensatez, colocando o telespectador na condição de agente que opina, proporcionando a ele a sensação de participar de um jogo/entretenimento em debate.

Os produtores do jogo encenam imparcialidade, vendendo ao telespectador um simulacro com sensação de realidade no sentido do “a vida como ela é!” Entretanto, aquilo que realmente determina o jogo não é colocado em discussão, ou seja: suas regras e a responsabilidade social de sua exibição em cadeia, já que fomenta debate de domínio público sobre temas, por exemplo, que afetam questões complexas sobre

gênero, direitos e democracia no tocante ao preconceito e homofobia. A audiência passiva do que determina e do que está por detrás das regras, e da relevância social ou não do jogo/entretenimento, age como *voyeur* ativo de seus próprios problemas: na condição de *voyeur* a espiar pelo buraco da fechadura ou pela janela entreaberta, a intimidade alheia num contexto de produção que esvazia o debate de conteúdo ético e político. Entre os que produzem e os que assistem, há o telespectador comum, “escolhido” e “eleito”, que é protagonista e coadjuvante da cena, também passivo das regras porque as joga, mas não as determina, embora as aceite ativamente, pois assina um contrato para virar celebridade de mídia em escala nacional durante algumas semanas, para jogar no afã de ganhar um milhão e meio e conquistar a fama.

Antes de qualquer reflexão sobre a cena em si, a favor de quem está sendo “vitimizado” e qual categoria ou segmento social e de gênero representa na cena, é preciso primeiramente discutir o jogo propriamente em suas condições de produção com relação à responsabilidade ética de quem é produtor e conivente. Entendo que há um poderoso campo de linguagem e conhecimento (Bourdieu, 1998, 1989, 1982⁴) que é manipulado na produção do jogo e da cena, assim como há uma vontade coletiva e individual de jogar (Huizinga, 2004⁵), mesmo que seja à distância, da poltrona e no deleite de participar como telespectador. Em jogo, vive-se um grau de tensão pelo valor dado à relação de competição e se expressa em conflitos que se estabelecem em fronteiras sociais, dentre elas as de gêneros em prioridade. Se o jogo há de continuar, que se rediscuta as responsabilidades de sua exibição enquanto instrumento de “aparelho” de mídia que contribua realmente no debate sobre o problema ainda vivido cotidianamente na sociedade brasileira: o preconceito de gênero e as formas de violência que geram.

Referencias Bibliográficas

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005[1998].

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004[1989].

BOURDIEU, P.. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Marcelo Oliveira – Doutor em Antropologia UFSC, pós-doutorado na Universidade Complutense de Madrid, Professor Adjunto na Universidade Federal de Viçosa

4.– Uma análise do dispositivo imagético do Big Brother Brasil

No que se refere à interface do Big Brother Brasil na Internet, é importante analisar o uso de imagens como dispositivo biopornográfico (PRECIADO, 2008). Para tanto, estuda-se o link de *fotos* do *site* oficial do programa da Rede Globo (<http://bbb.globo.com/BBB10/Fotos/0,,17401.00.html>). Para essa análise, fizemos um recorte de 340 imagens indexadas no *site* do BBB entre os dias 21 de janeiro e 27 de fevereiro de 2010, totalizando 10 páginas. Em cada página, aparecem expostas 34 imagens. A página do *link* de *fotos* mantém um diagrama constante: à esquerda e na

parte superior apresenta-se a foto de maior dimensão. À direita e na parte superior há um quadro que engloba o “perfil” identitário dos 17 participantes do BBB. O resto da página registra algumas ações acontecidas ao longo do jogo.

Em um primeiro nível da análise, podemos constatar que quem ocupa um lugar de destaque em todas e cada uma das páginas analisadas é o integrante denominado no *site* como “Dourado”. Pode-se dizer que é uma imagem “variável”, mas que é mantida durante um período longo de tempo. Outra imagem “constante” é a de “Michel”, que aparece em uma imagem de menor tamanho, na parte inferior do plano à direita. O perfil identitário também é “constante”. O restante das imagens, que revelam atividades diárias do jogo, são “variáveis”.

Sabemos de antemão que, na leitura ocidental, temos o hábito de ler primeiro o espaço superior direito, ou seja, sempre enxergaremos o integrante “Dourado” como início da nossa leitura, e terminaremos com “Michel”, no final da página. Ocupa também um espaço privilegiado o quadro do “perfil” identitário.

Outro referente “constante” é o nome do jogo: Big Brother Brasil. Em diversas imagens no pé de foto os participantes são indicados como “brothers”, assim como aparecem categorizados como “homens” e como “mulheres”. Somente encontramos uma imagem na qual o grupo mulheres é denominado de “sisters”, em meio às (7) imagens nas quais se emprega indistintamente o termo “brothers”. Por que o nome do jogo é Big Brother Brasil? Por que não pode ser Big Sister Brasil?

Em um segundo nível, quantitativo, podemos contar que “Dourado” aparece nas 10 páginas 23 vezes, sendo que 2 vezes aparece somente indicado pelo seu nome, mas não pela foto. Em segundo lugar, estão “Michel” e “Anamara”, que aparecem 14 vezes. Em terceiro lugar, estão “Claudia” e “Sérgio”, que aparecerem 10 vezes. Em seguida, Cadu, que aparece 8 vezes, e Eliéser, que aparece 7 vezes. Seguem esses valores outros membros do jogo, que aparecem menos vezes.

Em um terceiro nível, devemos partir de complexos pressupostos relativos à linguagem, ou seja, entendendo que a linguagem verbal faz parte do que significa a imagem (FOUCAULT, 1954; DOANE, 2007). O dispositivo da página funciona dessa maneira. A leitura do jogo dá-se a partir de uma relação entre a imagem “variável” e o “perfil” identitário “constante”, porque sabemos que as ações mudam dependendo do dia e da etapa do jogo, mas o perfil será “constante”, independentemente dos paredões, da eleição do anjo, do líder ou da eliminação do participante, ou de quem ocupe a foto maior da página, que durante o nosso estudo foi o participante “Dourado”. O usuário do dispositivo pode *linkar* o retrato do participante para saber o que tem sido registrado como perfil do participante.

Podemos observar que, em todas as imagens nas quais se fala de uma ação no “mercadinho” sempre aparecem mulheres, nunca homens, nem a participante descrita como “homossexual”, nem integrantes se transformando em *drag*, ou categorizados como “gays”. É possível ter acesso a tal fato porque, quando o usuário tem a imagem de um participante e a relaciona com o seu referente, através do seu retrato em formato de carteira de identidade circunscrito no perfil, com seu correspondente registro escrito, é informada a categoria à qual tem sido determinado ou condicionado o participante

durante o jogo. O registro está configurado com uma ficha cadastral acompanhada por um texto biográfico ou uma entrevista.

O dispositivo funciona desta forma: as imagens “variáveis” estão em função do perfil identitário “constante”. As identidades são atualizadas durante possíveis falhas performativos ao longo dos acontecimentos variáveis, mediante enunciados performativos ilocucionários (BUTLER, 2008) dispostos permanentemente no perfil.

Nesse dispositivo, o discurso identitário farmacopornográfico é construído tendo por base o binômio heterossexual/homossexual. O perfil registra categorias sempre dentro do estado civil, mas articuladas com a linguagem da anatomia ou do gênero. Por exemplo, o participante “Dourado” está descrito como “solteiro”, articulado com sua possibilidade de envolvimento no jogo com alguém “gostosa ou bonita”. No caso de “Elenita”, está escrito que é a “criadora da maior comunidade virtual contra a homofobia”, porém “não é homossexual”. O participante “Michel” declara: “sempre gostei de mulher”.

Resulta relevante que as categorias inventadas a partir da linguagem da performance do gênero (BUTLER, 2008), da linguagem da anatomia do sexo (LAQUEUR, 1994) e da linguagem da sexualidade (PRECIADO, 2002) são: *mulher, homem, gay, homossexual e drag*. Nunca vimos aparecer, nessas 10 páginas do dispositivo, a categoria “lésbica”. Como bem explica Beatriz Preciado, desde os anos setenta, as estratégias da estigmatização ou da criminalização social têm sido absorvidas pela “figura decimonônica do homossexual” pela ‘cultura gay’” (PRECIADO, 2009).

Nas legendas das fotos são utilizados nomes de participantes, mas também outras noções. Por exemplo, quando o participante “Dourado” está interagindo com o participante “Dicésar”, na legenda “Dourado” é identificado por seu nome, mas “Dicésar” é categorizado como “diferenças”. Se acionamos o dispositivo, encontraremos que, no perfil identitário de “Dicesar”, aparece que “quando chega a noite”, “se transforma em “Dimmy Kieer, uma drag queen”.

Além das questões levantadas acima, outras são colocadas para nós, entre elas a de saber se teremos a oportunidade de ver jogar no Big Brother um participante cadastrado como *drag king*, invertendo assim lógicas masculinas das identidades sexuais.

Rosa Maria Blanca – Doutoranda em Ciências Humanas (DICH) – UFSC, doutoranda sanduíche CAPES na Universidade Complutense de Madrid.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad*. Barcelona: Paidós, 2008.

DOANE, Mary Anne. *The Indexical and the Concept of Medium Specificity. Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*. Brown University. 2007 24-09-2009 13:01.

FOUCAULT, Michel. *Introduction*, in Binswanger (L.), *Le Rêve et l'Existence* (1954) (trad. J. Verdeaux), Paris, Desclée de Brouwer. In: *Dits e écrits* vol. I

LAQUEUR, Thomas: *La construcción del sexo. Cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*. Madrid: Cátedra, 1994.

PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual. Prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid: Obra Prima, 2002.

_____ *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

_____ *Terror anal: Apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual*. In: HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Barcelona: Melusina, 2009.

